

Personagens: (por ordem de entrada)

Coringa
Rei de Ouros
Valete de Espadas
Dama de Copas
Ás
Dez de Paus
Menino

Observações sobre a montagem:

Texto para maiores de 12 anos.

1. Nos cenários, figurinos, maquilagem, gestos, etc. deve ficar sempre bem marcado o aspecto de cartas dos personagens, ou seja, figuras retas, planas, sem profundidade, que só ao final se transformam em gente. E nas cores, o vermelho, preto e branco dos naipes.
2. A marcação deve atentar para o título da peça, i.e., para o fato de se pedir que seja cenicamente um jogo, nas entradas de cada "time" pelo mesmo lado, troca de posições, movimentação, etc. Inclusive quando algumas cenas são assistidas por um observador, ou assistente, do adversário.
3. As falas em versos (a Dama de Copas sobre o Pássaro, ou o Dez de Paus sonhando o vôo) devem ser declamadas, para passar o sentido do texto, mesmo quando da fala, ritmada progressivamente, surja o canto ou a música.

(Em flauta doce, manso, a música de “Escravos de Jó”, subindo pouco a pouco para outros instrumentos, Após a primeira frase musical começam a surgir as figuras, em coreografia ou jogo cênico sublinhado pela música.)

CORO - No reino das cartas
vai tudo muito bem,
paz, sossego
e muita alegria também.
Estudam e trabalham
e o povo vive bem. (bis)

(Trombone em fundo: Coringa destaca-se em súbita acrobacia.)

CORINGA: Eu começo dando as cartas para o jogo iniciar. Deste lado, a primeira, o Rei de Ouros!

REI DE OUROS (De lá): Eu que mando neste reino! Aqui sou Rei e Senhor!

CORINGA: Rico e forte, isto só de olhar se vê. Suas outras...“qualidades” vão no jogo aparecer...

(Variações sobre o tema musical, com violino ou flauta.)

CORINGA: De lado de cá, agora... Olhem! A Dama de Copas... Ai! Essa Dama de Copas é a paixão de todos nós...

VALETE DE ESPADAS (De lá): Minha, não, que eu sou um homem de luta!

CORINGA:... um dia, por causa dela, ainda vou ser herói! É ela que traz pro jogo sentimento e emoção, e às vezes nos surpreende com a sua intuição. Ai, essa Dama de Copas todos querem ter na mão!

(Variações sobre o tema em corneta ou trompete agudo.)

VALETE: Todos, não! Que eu não sou tolo e conheço meu dever: vigiar, espionar, cuidar de manter a lei. Que "herói" é aquele que usa sua espada pra defender o Rei e essa macacada. Se eu não mantenho a ordem, isso tudo dava em nada!

CORINGA: Esse é o Valete de Espadas, joga do lado do Rei. Fiquem atentos ao que faz: fala de lei e de ordem, mas de coisas imprevistas é capaz. Junto à Dama, entra aqui...

DAMA DE COPAS: ... um Ás, aqui comigo! O jogo começa bem! O Ás é carta de peso, é aquele que sabe tudo, sua presença no jogo pode ser a solução.

(O figurino do Ás tem todos os naipes, um em cada ponta da "carta")

CORINGA: De fato, o Senhor As é figura procurada. Só que... ele tem no momento um probleminha, que vão ver em sua ação. Ahn? Quem sou eu? Eu sou o Coringa, a quem todos já conhecem. Para uns eu sou o Louco, como dizem no Tarô. Para outros, um Bufão. Há quem me chame de Joker, porque sou gozador e brincalhão. Não sou carta numerada, entro no jogo onde quero. Mas posso até dar vitória a quem me tiver na mão.

(O Dez de Paus, que entra correndo, à procura de alguém. A música se acelera e inicia-se pantomima: Dez de Paus diz algo ao ouvido do Valete, que se espanta; este ao ouvido do Rei, que se alegra; a Dama apurou o ouvido e dá um gritinho de susto. O Coringa se detivera e apenas vê a confusão criada, a palavra "o Pássaro, o Pássaro" perdida entre os sussurros e, súbito, os três saindo precipitadamente. Música cessa. Coringa vai ao Ás, que ficara ao fundo, ar "filosófico", perdido em suas meditações.)

CORINGA: Senhor Ás! Quer me dizer o que foi que aconteceu?

ÁS: O Dez de Paus conseguiu!

CORINGA: Conseguiu? O que?...

ÁS: O que...? Não sei!

CORINGA: Ora, que grande resposta: "conseguiu"... não sabe o que! Deve ser coisa importante: o Rei ficou muito alegre. E o Valete espantado...

ÁS: (Distraído, em eco): Sim... Alegre e espantado...

CORINGA: Mas a Dama se assustou. Chegou mesmo a dar um grito. E saiu pelo outro lado. Fui falar em paz e calma, que aqui é sossegado e logo me desmentiram: está tudo embaralhado!

(A Dama de Copas entra correndo.)

DAMA DE COPAS: Senhor Ás! Venha depressa! Preciso de sua ajuda!

ÁS: Ahn? Onde? Quando? O que foi?...

CORINGA (Ofendido): Ora, essa é muito boa! Eu é que sou o Coringa e que estou abrindo o jogo. E vem a Sra. Dama, na hora que quer ajuda, me vê... porém chama o Ás! Ah, isso não fica assim! Não quero ser descartado e é já, já que vou saber por que estão tão agitados!

(A Dama, que dissera algo ao Ás e depois ficara atrás, a olhar o Coringa, aproxima-se.)

DAMA DE COPAS: Quem disse que o descartei, hum? Já deixei você de lado em qualquer jogo ou partida?

CORINGA: Hein?... Não, eu... eu sempre estou no jogo e... sou figura importante e... (de lado) Me pegou com essa pergunta: não sei nem o que dizer!

DAMA: Mas já vi que quer saber por que essa confusão.

DAMA - Uma coisa muito séria: Dez de Paus veio contar que achou o pássaro branco!

CORINGA: E o que tem isso de mais? Existem em todo o reino bandos de pássaros brancos! Por que agora a notícia fez todo esse reboiço?

DAMA: É que esse é diferente: esse pássaro... é mágico! Olha o que Dez de Paus falou...

(Luz sobre o Dez, descrevendo a cena que vai surgir. Nas laterais, Valete e Dama assistindo.)

DEZ DE PAUS: Ah, a coisa foi assim: saí pra caçar codorna lá para os lados da floresta. Quando passei pela estrada, perto de uma casinha, vi um garoto sentado, conversando com um pássaro...

(Cena ao fundo em silhuetas - teatro de sombras)

MENINO: Eu sei que você está crescendo, meu pássaro. Você está crescendo... crescendo comigo....

DEZ DE PAUS (De cá): Era um pássaro branquinho, que cabia na mão dele...

MENINO: ... e sei que você está doido para sair por aí, voar bem alto e bem longe, e me levar com você. Vamos sair por aí... Mas suas asas são curtas... e você pode cair. Cair e se machucar.

DEZ DE PAUS: Parecia até um pombo, igual a todos os outros. Mas quando cheguei mais perto... vi que era diferente.

MENINO: Espera um pouquinho mais, que suas asas fiquem fortes. Vá voando por enquanto bem baixinho, por aqui, medindo bem suas forças contra o sol e contra o vento. Que quando você crescer e puder voar bem alto, eu solto você no céu, para ir até o sol, passar por cima do mar, sentir o vento nas asas, ver novas terras e matas, cantar juntinho dos homens que vão e vêm do trabalho, fazer brotar grama verde e o céu ficar azul!

DEZ DE PAUS: ... fazer brotar grama verde e o céu ficar azul! Quando ouvi essas palavras, vi que era o Pássaro mágico de que tanto ouvi falar!

MENINO: Vá voando por aqui, bem baixinho, devagar, que quando você crescer... vamos voar por todo o reino!

(Luz se apaga sobre a cena de trás.)

CORINGA: Agora entendi! O que está em jogo aqui é algo muito importante! O Pássaro é o Prêmio de quem ganha esse jogo! E o Valete de Espadas quer garantir que ele fique em suas mãos!

DAMA: Por que dizem que ele é mágico?

CORINGA: Não! Porque o Valete acha um perigo as mágicas que ele faz!

DAMA: Eu sei que Pássaro é esse... E que é mesmo mágico o que ele faz...

Dizem que onde ele passa
Mesmo quando é pedra dura,
Brotam uma grama verdinha
Verde bem claro e brilhante
Como a esperança da gente.
Suas asas fazem um vento
Que refresca a quem trabalha
E deixa em sua boca
Um gosto de água clarinha
Como a que sai de uma fonte.
E no coração se acende
Uma vontade bonita
De cantar e de dançar
Uma coragem de luta
E uma alegria tão grande
Que até parece a do rio
Quando se encontra com o mar.

CORINGA: Um Pássaro como esse tem que ficar bem guardado!

DAMA: E o jogo já começou! O Valete pegou o Dez de Paus e o segurou em sua mão! O que vai fazer com ele?

Luz sobre Valete, que fala com o Dez de Paus.

VALETE: Na primeira jogada vem você pra minha mão... Acho que de nada serve...

DEZ DE PAUS: Por que? Porque não sou do mesmo naipe que o senhor?
Ou por que sou carta de menor valor?
Mas sei de algo que pode lhe interessar...
Porque eu tenho olho vivo,
não sou tolo como pensam
os que só me dão problemas,
obrigações e pressão,
por mais que me esforce tanto
para ter reconhecimento e posição.

CORINGA: (De cá) Que vai ter, pois entrou bem no jogo, com presença marcada e uma notícia importante que deslançou a ação! E o que vai oferecer?

DEZ DE PAUS (De lá): Eu sei onde está o Pássaro! Isso não lhe interessa?

VALETE: Claro que sim! Então, venha comigo! Vamos falar com o Rei e pedir um batalhão para ia lá caçar o Pássaro e o Menino! (Saem)

CORINGA: E onde está o Pássaro agora?

DAMA: Isso que eu não sei. Sei que o Valete de Espadas há muito anda atrás dele. E disse que vai caçá-lo!

CORINGA: Caçar! Isso é que não! Um Pássaro como esse não pode ser apanhado!

DAMA: É o que eu acho também. Por isso vim lhe pedir pra também entrar no jogo.

CORINGA: Se ele pegou o Dez de Paus... então entro do seu lado, para ficar três a três. E é pra já! Vamos ver de perto a jogada do Valete e armar também nosso jogo!

DAMA: Isso!

Voltam súbito, com grande tumulto, o Rei de Ouros, o Valete de Espadas e o Dez de Paus.

VALETE DE ESPADAS: Dez de Paus! Conte ao Rei como foi que achou o Pássaro!

DEZ DE PAUS (Resignado): Já contei mais de dez vezes... (Aproxima-se do Rei) Saí pra caçar codornas lá para os lados da mata...

REI DE OUROS (Corta): Codorna...? Ah, eu adoro codornas! Codorna frita! Codorna assada! Churrasco de codorna!

(O Valete, contrariado, faz sinal ao Dez de Paus para que prossiga.)

DEZ DE PAUS: Quando passei pela estrada, perto de uma casinha, vi um menino dizendo que estava criando o Pássaro pra soltar no céu do reino.

VALETE: "Soltar"! Ouviu, Majestade? Esse Pássaro solto é um perigo. O que é que vamos fazer?

REI DE OUROS: Assar! Assar com vinho e cebolas!

VALETE: Hein? Assar...? Mas... mas assar o que?

REI: As codornas que ele trouxe! Codorna assada é gostoso!

VALETE: Assar... Codorna assada... É só o que sabe dizer? O que temos que fazer é...

REI: (corta) O que fazer? Primeiro, deixar de molho, esfregando com limão. Eu só gosto de codorna quando está bem temperada!

DEZ DE PAUS: Posso dar opinião? Acho que fritas no azeite...

VALETE: Ficaram loucos? Estão falando em codornas e esquecendo o principal! O problema é o Pássaro! O que fazemos com ele?

REI (Solene): É fácil, a solução: pode ser assado junto! Afinal, codorna ou pássaro, tudo é ave, tudo é ave! Mesmo sendo diferente, o tempero é sempre igual.

Valete tendo chique já, de raiva. Continuam em mímica, a discussão.

DAMA (De cá): Coringa, e nós? O que é que vamos fazer? Já botei o Ás no jogo contando-lhe o que acontece.

CORINGA: Então vamos ver o que ele diz ou faz!(para ele, ar perdido, atrás) Senhor Ás!

DAMA (Aproximando-se dele): Por tudo que já lhe disse...

CORINGA: E tudo que estamos vendo, o problema é bem sério: o senhor, que é sábio e mestre, o que sugere fazer?

ÁS: Ah, é sério, é muito sério! (Abre imenso livro atrás) Se consultar o meu livro resolvo logo a questão! (Mergulha no livro)

CORINGA (para a Dama): Não espere muito dele... O Ás anda meio desligado, de vez em quando sai da real, a cabeça vai pro espaço...

DAMA: Vai pro espaço, como?

CORINGA: Se desliga do mundo... e não ouve ou nem quer saber do que se passa além de sua janela.

ÁS (voltando): Vocês têm razão. Codorna assada é coisa muito vulgar. Mas o Rei estava

certo, é fácil, a solução: podem ser assados juntos. Afinal, codorna ou pássaro, tudo é ave, tudo é ave!

DAMA: Essa, não!

VALETE (de lá): ... só lhe peço, Majestade, que enquanto (raiva contida) come codornas... eu, o Valete de Espadas, queria sua licença para ir caçar o Pássaro... e o Menino!

DEZ DE PAUS: (em eco) - Caçar o Pássaro... e o Menino!

DAMA (de cá): Caçar o Menino? Mas se ele não fez nada!

CORINGA: É que prendendo o Menino o Pássaro vem também.

DAMA: E o que vão fazer com eles?

VALETE (De lá): O Menino será preso. E o Pássaro... comido em um banquete real!

REI: Comido em um banquete?... Boa ideia, boa ideia!

VALETE: Então... vamos, sem demora! Dez de Paus! Venha comigo!

DEZ DE PAUS: Sim, senhor!

Saem juntos. Rei se recosta para dormir.

DAMA: E agora? O Ás com que eu contava, mergulhou, perdeu o pé... Estamos com poucas cartas, que trunfo podemos ter?

CORINGA: Calma. Se eu estou no baralho, mas não estou numerado, sou o 0 ou o 22, é porque sou andarilho, estou sempre a caminhar, não me prendendo a limites, sempre em busca de espaço e horizontes.

DAMA: Mas, de que vale isso aqui?

CORINGA: Por isso esse Pássaro é importante para mim. Por isso entrei nesse jogo. Por isso trago lanterna, para ver bem o caminho. E guardo nesta sacola (mostra a que tem ao ombro) tudo que vou aprendendo, o que o caminhar me dá e passo a levar comigo.

DAMA: (Impaciente) Sim, mas vamos logo, correndo! Não podemos perder tempo, eles já devem estar lá!

CORINGA: Mas você mesma pergunta: que trunfo temos? Vamos ver. Estenda a mão adiante e veja o que a sorte lhe traz!

Uma pausa e entram Dez de Paus e o Valete, seguidos do Menino, mãos atadas atrás.

VALETE: (De lá) Dez de Paus! Prender o Menino foi fácil. Agora, preste atenção!

DEZ: Sim, senhor!

VALETE (Olha pro alto): Olha! O Pássaro está vindo, acompanhando o Menino... Vamos pegá-lo no laço! Depressa! Já!

Dez de Paus arma o laço. Correm de um lado para o outro tentando laçar no alto um Pássaro (apenas silhueta ou sombra e rumor de asas) que escapa sempre. Até que param, cansados.

VALETE: Não adianta... Tenho uma ideia melhor: ao chegarmos ao palácio, corra e apanhe logo a rede, para pegá-lo no ar.

DEZ: Sim, senhor.

VALETE: Chame todos os arqueiros: se ele se assustar com a rede e tentar escapular, mando atirarem as flechas e acabo com esse bicho!

DEZ: Sim, senhor.

VALETE: Depressa! Em frente, marche!

Valete e Dez saem de cena com o Menino.

DAMA (De cá): Chegamos tarde! Já prenderam o Menino! E agora, o que fazemos?

CORINGA (Olhando à distância): Hum... Olha lá... Quatro meninos brincando!... É disto que eu precisava!

DAMA: Quatro meninos brincando? E de que nos serve isso?

CORINGA: Já sei o que vou fazer!

(Sai correndo. De lá, Rei ainda dorme. Dez de Paus e o Valete entram, apressados.)

VALETE: Majestade! Um caso grave, gravíssimo, uma desgraça completa!

REI: (Pulo) Uma desgraça...?! Já sei! Acabou a comida do reino! Vamos morrer de fome! Aaaaaaaaah! Guardas! Decretem estado de alarme! Preparem todo o exército! Invadir terras vizinhas! Aprontar...

VALETE (Tentando detê-lo): Calma... Não, Majestade... não é isso...

(Dama do outro lado, a observar. Dez de Paus cabisbaixo)

REI: Pegar tudo que encontrarem! Trazer tudo para nós! Encher os nossos celeiros!

VALETE (Grito): Há comida sobrando!

REI: Ahn? Comida? Onde? Vamos lá, rápido, tomar deles, pegar tudo, trazer para...

VALETE: (Berro) Há comida sobrando aqui!

REI: Aaaaaaaaah...

Senta-se, aliviado e exausto. Dama de Copas rindo do outro lado.

REI (Agora irritado): Então por que fez esse barulho todo? Por que veio falar em caso grave, gravíssimo? Tirar minha tranquilidade? Interromper meu sono?

VALETE: O Pássaro branco que fomos caçar, lembra-se?

REI: (Novo pulo) Já foi caçado e comido! Acabou-se meu banquete! O banquete que eu sonhava está perdido, estragado... Aaaaah!...,

VALETE: Posso falar?!!

REI: (Surpreso) Fala, ora. Não estou tapando sua boca. Não fala porque não quer!

VALETE: O Pássaro... esse imbecil deixou fugir!

DEZ: (Adianta-se, tímido): Mas... mas o Menino foi preso e...

VALETE: Imbecil! Não é o Menino que eu queria pegar!

DEZ: Não...?! Mas...

REI: Era o Pássaro, eu sei. E sabendo que era comida de meu banquete real ele ainda ousou fugir?

VALETE: Ousou!

REI: Então fica proibido de entrar no meu palácio! Pronto! E o banquete...

VALETE (Contendo-se): Majestade...

REI: Ahn... O banquete... Cace um brontossauro! Um brontossaurozinho também dá pra alimentar.

VALETE (Ameaçador): Majestade, nós temos que achar o Pássaro e metê-lo na gaiola! Se não, acabou o banquete!

REI: A-ca-ca-bou...? Ah, isso que não! Reúna forças, um exército e procure esse bicho até achar!

VALETE: Achar... onde? Aí é que está o problema! O Pássaro foi pro mato. Metido no meio das árvores e o verde todo de lá, como é que vamos saber onde é que ele está?

REI: Ora, vai lá, vai... O que eu queria saber é porque atrasam meu lanche!

DAMA (De cá): Com isso ganhamos tempo. E falo com o Coringa para agir sem mais demora! Onde será que ele foi?

Vai sair, mas vê o Dez, ar abatido, no meio da cena...

DAMA (Aproximando-se dele): Que foi que houve, Dez de Paus? Pensei que estava contente de ter prendido o Menino!

DEZ: Que é que houve... Então não viu? Ele me descartou! Tive esse trabalho todo e em vez de me agradecer me chama de "imbecil"!

DAMA: Hum... Queria uma medalha?

DEZ: Que é que ele quer de mim? Deu a ordem: prenda os dois! Não discuto o que eles mandam. Fui lá, suei, corri e só com muito trabalho é que preendi o Menino! Mas agora, só porque o Pássaro foge, ele se põe a gritar: "Imbecil! Não é o menino que eu queria pegar!" Então não sei o que era!

DAMA: Pois eu sei e muito bem: é o Pássaro, que ele quer!

DEZ: Não sei por que...

DAMA: Porque o Valete tem medo das mágicas que ele faz, e das mudanças que traz sua força e magia.

DEZ: O Pássaro... Se ele soubesse a verdade... mandava me enforcar!

DAMA: A verdade? Que verdade?

DEZ: Depois do que aconteceu... não pegam mais o tal Pássaro!

DAMA: Mas... o que foi que aconteceu?

CORINGA: (Entrando de um salto ao lado deles): É que o Pássaro está salvo!

DEZ: E a culpa é toda sua!

DAMA: Como assim? Não entendi!

CORINGA: Dez de Paus e o Valete tinham prendido o Menino. Vinham andando com ele. Sobre eles vinha o Pássaro, acompanhando o Menino...

Do outro lado, o Valete e o Dez de Paus.

VALETE: Não se esqueça do que mando: ao chegarmos ao palácio, corra e apanhe logo a rede! Chame também os arqueiros: se ele tentar fugir... mando atirarem as flechas!,

DEZ: Sim, senhor! Deixa comigo, que vou providenciar!

VALETE: Depressa, em frente! Marche!

DAMA (De cá): Nossa! E o que é que você podia contra tanta gente junta?

CORINGA: Foi o que me perguntei. Aí, vi quatro meninos jogando bola de gude.

Volta o teatro de sombras, ao fundo.

CORINGA: Acendi minha lanterna e virei toda pra eles, de modo que a luz batesse bem no rosto dos meninos.

Jato da lanterna bate-lhes no rosto fazendo-os se virarem.

CORINGA: Depois fiz a luz subir, mostrando o Pássaro a eles... De novo, no rosto deles... no Pássaro... no rosto deles... no Pássaro...

(Um dos garotos se levanta)

GAROTO: Olha que pássaro lindo!

VOZES: (Off) Vamos pegar! Vamos...!

CORINGA: Um deles fez logo laço e jogou com toda a força. Assim pegaram o Pássaro e carregaram com eles. E agora ele está salvo, protegido pelos quatro!

DEZ: E eu nem sei onde eles moram. Se o Valete de Espadas sabe disso... em vez Dez de Paus, vou virar dez pedacinhos

Luz destaca Rei, que ouvia de lá, impresentido, tendo um acesso de fúria.

REI: Aaaaaah! Não sei como me contive! Que vontade de pegá-los e fazer um picadinho, sem por tomate nem sal! Então armaram o jogo contra mim, que sou o Rei! Ah, mas vão ver! Vão ver mesmo! Rei de Ouros não é brinquedo! (Arranca um pedaço do trono e começa a mastigar) Ahn... Estou com tanta raiva que até devorava um boi!

Sai, sem ver o Valete que entrara, pensativo.

VALETE: Com o Dez de Paus descartado... e esse Rei voraz, devorador, que só faz o que lhe interessa... Tenho que comprar outra carta. Precisava comprar era um Ás, que com seu saber me mostrasse... Olha ali um! Quem sabe ofereço verbas pra seus estudos e pesquisas, e trago ele pro meu lado!

Aproximando-se do Ás, meio metido no livro, ao fundo.

VALETE: Senhor Ás, preciso de sua ajuda! É coisa urgente: tenho de achar o fujão!

ÁS: O fujão...? Divino, maravilhoso! Onde está? Onde está ele?

VALETE: Isso é o que eu quero saber!

ÁS: Ah, também está procurando? Então venha me ajudar! Procurei por aqui tudo e não consigo encontrar. Vou pegar livro por livro e ver se caiu lá dentro.

VALETE: Livro... Mas um pássaro não cai dentro de um livro!

ÁS: Pássaro? Que ideia! Ele deve ter voado, mas daí dizer que é "pássaro" é um tanto exagerado...

VALETE: O senhor quer me dizer o que é que está procurando?

ÁS: Sabe guardar um segredo? Algo confidencial?

VALETE: Sim, sim...

ÁS: (Quase ao ouvido) Sabe quem foi que fugiu?

VALETE: Não! Quer dizer, quem fugiu foi aquele Pássaro que eu queria caçar!

ÁS: Que pássaro! Mania! Há coisa mais importante! Pois saiba que quem fugiu foi... Cochicha-lhe algo inaudível.

DAMA: (De cá) Pegou o Ás! Será que vai conseguir fazer jogo com ele?

CORINGA: Não creio. Não viu o que acontece com o Ás? Encastelou-se numa torre de marfim e se desligou do mundo e de seu movimento. Não vê, não ouve, e nem quer saber o que acontece aqui.

DAMA: É verdade... Vamos ver o que o Valete vai fazer com ele.

ÁS: É o que lhe digo: quem fugiu... foi o tracinho do A !

VALETE: O tracinho do A ...?

ÁS: Sim, aquele tracinho curto que fica entre as duas pernas. Vê agora que desgraça?

VALETE: Não estou entendendo nada...

ÁS: Não entende? Pois vou explicar melhor. Este aqui... é o último retrato dela, antes de acontecer esta tragédia!

Slide ou gravura: um enorme A.

VALETE: Ahn... Um A... E daí?

ÁS: O A. Agora veja...

(Tira o traço horizontal do A, ficando, é claro, um enorme V invertido.)

ÁS: E agora, que letra é essa?

VALETE: Não sei.

ÁS: Não sabe, é claro. Vê a confusão? Pode ser um A sem traço... ou um V de cabeça para baixo.

VALETE: Ah! Isso é a letra V?

ÁS: Lógico, claro, evidente. Não conhece a letra V?

VALETE: Não, essa eu não conhecia.

ÁS: Agora o senhor me assusta! Que letra conhece, então?

VALETE: A letra N, de NÃO!

ÁS: Só?... Mas, isto é impressionante!

VALETE: O que é impressionante?

ÁS: Esta sua ignorância! Só conhece uma letra! Quando existem 23! E só em nosso alfabeto! Fora o alfabeto árabe, o gótico, o chinês...

VALETE: Não vim aqui discutir minha ignorância! Não sou homem de letras! Eu sou é homem de luta!

ÁS: Impressionante!... (vai se desligando de novo) Impressionante mesmo. E terrível pra nós. Tão terrível... quanto o A sem traço!

VALETE: Olha aqui, se vai ficar me gozando, eu... Eu vim pra falar do Pássaro!

ÁS: Sim, sim...

VALETE: Senhor Ás!

ÁS: Hum...?

VALETE: O Pássaro!

ÁS: Ah, sim! Desculpe. Quando estou com algum problema fico um tanto distraído. O pássaro!... Que pássaro?

VALETE: Aquele, todo branco, que nós íamos pegar para o banquete do rei.

ÁS: Banquete...? Ah, sim, como não. Diga ao rei que eu vou. Eu vou ao banquete, sim. E agradeço o convite. Assim que resolver este problema... (Olha a letra) Problema sério... Hum! Já sei!... Vai ver não é mesmo o A: é o V fazendo ginástica! (Pega o cartaz e inverte) Ora, se não é isto mesmo! É o V, fazendo ginástica com as pernas para baixo!

VALETE: Pronto! Desligou, de novo!... Diabos! Isto me atrasa!

(Sai, zangado. Dama se aproximando pelo outro lado.)

ÁS: (Ensimesmado) Então onde foi o A? Vou procurá-lo nos livros, que com certeza o encontro: A é o princípio de tudo. Se é o princípio, está nos livros, que só pode estar ali. Não há como confundir, porque o V já é o fim. Conheço fins e princípios e não farei confusão.

DAMA: Senhor Ás... Me dá licença?

ÁS: ("Na dele"): Se o V é o fim e o A, o princípio, um princípio não pode estar no fim. Ou pode?

DAMA: Senhor Ás...?

ÁS: Se achar essa resposta, eu acho o princípio e o fim. E achando o V do fim, é fácil ver onde foi uma parte do princípio. Vejamos, pelo princípio...

Abre seu enorme livro e se inclina sobre ele.

DAMA: Senhor Ás... (Grito súbito) Senhor Ás! Meu Deus!... Caiu dentro do livro!

Ele cai dentro do livro (ou sai por ali).

DAMA: E agora...? Socorro, ajudem! O Ás caiu dentro do livro!

Vai lá e tenta inutilmente abrir o livro.

DAMA: Não consigo, não adianta. Tenho que buscar reforços!

(Valete de Espadas, retornando, nervoso, em monólogo ao som da música "Garibaldi foi à missa num cavalo sem espora...")

VALETE: O Dez e o Coringa
quiseram me enganar,
mas aquilo que fizeram
vão bem caro me pagar!
Vão ver quem é o Valete
e sua forte espada,
vão ver se não os pego
e transformo em... (súbito) Dez de Paus? Que faz aí do outro lado?

DEZ DE PAUS (De cá): O senhor... cha... chamou? Mas... tinha me descartado...

VALETE: Não! Venha cá! Quer bancar o esperto pra cima de mim, hein? Ainda está em minhas mãos, sabia?

DEZ: Eu?... Não, não, senhor. Só fiz o que o senhor mandou: prendi o Menino e...

VALETE: ... e deixou o Pássaro ser laçado por garotos que se esconderam com ele. E onde é que estão agora? Hein? Isso é que o senhor não sabe!

DEZ: Eu... fa... fui... quem foi que lhe disse tudo isso?

VALETE: O Rei! O Rei ouviu toda a conversa entre o senhor e eles, os nossos adversários!

DEZ: Não, eu só..... fa... fi... fui...

VALETE: Agora está aí: fa... fi... fui... não é? Por que não fez o que devia na hora que viu os meninos levarem o Pássaro? Ahn?

DEZ: Eu não vi... eu não estava lá ...não..

Dez de Paus engasga, gargareja com as palavras e... nada.

VALETE: Pois sabe o que resolvemos?

(O Rei passa ao fundo, engolindo um objeto qualquer.)

VALETE: Olha o Rei: como vê, está furioso, engolindo tudo que encontra: ontem se engasgou com um quadro, que foi com moldura e tudo! Hoje, um banco e uma caixa! E o senhor...

Rodeando o Dez de Paus, cada vez mais encolhido e aflito.

VALETE: Sabe com quantos paus se faz uma fogueira? (Contando em sua roupa com a ponta da espada) Um, dois, três... com dez! Mas... (Suspense) como eu sou muito bom, resolvi dar-lhe uma chance: estou de novo com você na mão e fica no meu jogo... se trouxer até amanhã, os quatro meninos e o Pássaro, na gaiola! Entendeu?

DEZ: A... a...amanhã? Mas... mas...

VALETE: Sem mas, mas. Amanhã! O Pássaro e os meninos, aqui, amanhã, sem falta... ou uma fogueira alta, para assar este franguinho: você!

(Sai, ao som da mesma música de roda anterior. Dez de Paus vai desabando, até ficar sentado no chão, em desconsolo total.)

DEZ: Amanhã... (Pulo) Mas se eu fico aqui parado, aí mesmo é que estou frito, ou melhor, que estou assado. Não tenho tempo a perder! Vou correndo para a mata e desta vez... não me escapam!

(Cena passa a Dama e Coringa chegando junto do Ás.)

CORINGA: É a nossa vez! Temos que andar depressa! Primeiro... pegar o Ás e metê-lo na jogada! Que nós precisamos dele, de seu saber e seus conhecimentos para nos orientar.

(Vão ao livro onde caiu. Tentam abri-lo. Não conseguem. Depois de novo esforço, o livro de

abre. Susto de ambos.)

CORINGA: Por essa eu não esperava: já era figura ilustre. Virou uma ilustração! Olha!

DAMA: Eu já tinha visto. E ia lhe contar. E agora...?

CORINGA: Estamos mal. Não sei nem o que dizer.

DAMA: Não vejo aqui outra carta que possa nos ajudar... Quem sabe ali no monte...

CORINGA: Espere. Eu sei como pô-lo em ação. Fazê-lo cai na real. Acho que em minha sacola... Ah! Achei!

(Tira uma bomba de flit e começa a bombear água no Ás.)

CORINGA: Usando fogo ou água... Com um bom jato d'água... ele volta ao natural!

DAMA: Olha! Já está descolando!

ÁS (tossindo e engasgando com a água que cai sobre ele): Tirem-me daqui!

CORINGA: Está se mexendo! Ajude!

ÁS: (Surgindo para a cena) Que é que está acontecendo? Que barulho é esse aqui?

DAMA: Somos nós que...

ÁS: Você... (Pára, súbito, a olhá-la) Mas... que moça linda!

DAMA: Quem, eu?...

ÁS: De onde é que você vem? E quando é que chegou aqui?

DAMA: Ahn?... Não cheguei de parte alguma. Desde o início estou aqui!

ÁS: Não me diga! Como é que nunca a vi?

DAMA: Nunca me viu? Mas... eu estava a seu lado. Não me viu porque não quis.

ÁS: (Olhando em volta) Lugar simpático, esse! Vai ser bom morar aqui!

CORINGA: Senhor Ás, estamos no meio de uma partida, e empatados. Precisamos de uma cartada decisiva, de uma ação que...

ÁS: (arregaçando as mangas, agitado) Ação é comigo mesmo! O que está acontecendo? Onde precisam de mim?

DAMA: Viva o Ás! É mais um pro nosso lado!

ÁS: (Parando) A seu lado... Oh, com prazer! (Oferece-lhe o braço, encantado).

(Entra nova música de roda, "Ciranda, cirandinha", em ritmo rápido.)

CORINGA: Então... Para a mata, rápido! No caminho lhe explicamos!

(Cena passa a Valete e Rei...)

VALETE: (Para si) Ai, vamos mal, vamos mal! Com o Ás daquele jeito, não posso contar com ele! Dez de Paus de pouco vale... Tenho que pegar uma boa carta... Mas contar só com a sorte é arriscado, posso não conseguir a carta que preciso. E esse Coringa moleque já está me aprontando boas!

(Rei surge ao fundo. Sua comilança desenfreada teve um efeito espantoso: cresceu desmedidamente e sua imagem extrapolou as margens da carta, derramando-se para fora das linhas laterais - como a figura do Reizinho, antiga personagem de HQ. Entra esbarrando em tudo e mastigando algo.)

VALETE: (Ouvindo o ruído): E agora... essa do Rei! Nada mais o satisfaz, quer sempre mais, e algo novo. Já não come por necessidade, come por ganância, engolindo, sugando, se apropriando de tudo que vê!

REI: (De trás) Comida! Ninguém me dá de comer! Mando enforcar todo mundo! Estou com fome! Comida!

VALETE: Está açambarcando tudo que se produz no reino, comeu jornais, comeu filmes, discos e livros em penca! Até a televisão!...

REI: (Sempre aos tropeções, pois não vê mais o chão): Comida! Andem! Comida!...

VALETE: "Comida, comida"! É só o que sabe dizer?

REI: (Tentando ver por cima da barriga): Ahn? Hein? Quem foi que falou aí?

VALETE: (Debruça-se sobre sua barriga): Fui eu, o Valete de Espadas! Epa! Essa não! Me larga! Eu não sou sua comida!

(Salta para o lado. O Rei se desequilibra com o impulso e se esborracha no chão, onde fica, zozzo, zozzo, o corpo balançando.)

VALETE: Hum... Isto assim não pode continuar... Já não é mais doença: entrou em crise! Não tem nem equilíbrio mais.

(O Rei, abobalhado, vai repetindo tudo que ele diz.)

REI: (Eco)... Crise... não tem equilíbrio...

VALETE: O reino não pode ser governado por um Rei que tem o Ouro, mas não vê mais onde anda! Daqui a pouco será a desordem, o caos total!

REI: (Eco): A desordem... caos total...

VALETE: Mas, espera! Como é que não vi antes?

REI: (Eco): Não vi...

VALETE: Tem que ser essa a minha jogada! Hah! É uma grande cartada! E vai ser!

(Rei vai se levantando com esforço, levanta, cai, levanta, cai, até que consegue se por de pé, em equilíbrio precário, com ajuda do Valete, que sai, marchando.)

VALETE: Para a floresta! Já!

O Rei sai atrás, em equilíbrio instável, tentando marchar com ele.

(Em outro ponto)

ÁS: Ponha o Dez de Paus em frente ao Pássaro, para fazer com que ele pare e olhe dentro de seus olhos!

CORINGA: Ver de frente...? Mas, como?

DAMA: E se o Dez tentar matá-lo quando for chegando perto?

ÁS: Este Pássaro? Impossível, ninguém consegue matar. Se alguém mata, ressuscita em outro tempo e lugar.

DAMA: Olha! O Pássaro! Está ali!

ÁS: Não se esqueçam que eu disse: ele tem que ver o Pássaro de frente, olho no olho!

Vindo pelo outro lado, o Valete, cada vez mais empolgado,

VALETE: Com essa eu viro o jogo! Ah, se viro! EU não ando aos tropeções!... Posso evitar a desordem... se EU me tornar o Rei! REI DE ESPADAS, O MAIOR! E sendo Rei mando matar todos os pássaros do reino!

(Ruído de bater de asas e sombra de grandes asas projetadas contra o fundo, que agora se torna azulado, diferente, criando em toda a cena um clima mágico e visualmente lindo.)

DEZ DE PAUS: (Entra correndo): Ah! Desta vez não me escapa!

DAMA: Vai laçá-lo! Corre, Coringa!

ÁS: Depressa, vai até lá! E não esqueça o que eu disse: faça-o de ver de frente o pássaro!

Dez armou o laço no ar. Coringa salta à sua frente.

CORINGA: Dez de Paus! Achou o Pássaro! Meus parabéns! Está com ele na mão!

DEZ: Desta vez eu pego o bicho! É coisa que não é fácil! Acho que eles também vão saber reconhecer!

CORINGA: Claro! Vai ganhar uma medalha! Isto é façanha de herói!

DEZ: Quem sabe até me promovem...

Ruído de asas.

DEZ: Epa! Cuidado, que ele foge!

CORINGA: Espere! Não faça assim! Há um jeito bem melhor!

DEZ: Melhor...?

CORINGA: Se o Pássaro vê o laço deslizando pelo ar, voa logo para longe e você não pega mais!

DEZ: Bem, lá isso é verdade... Mas então como é que eu faço?

CORINGA: Tem que chegar bem pertinho e pegá-lo de surpresa. Eu ajudo. Vamos lá!

DEZ: Não! Depois vai dizer a todos que foi você quem pegou!

CORINGA: Qu'é isso? Eu estou do seu lado. É o mesmo o nosso jogo. Dizer isso por que?

DEZ: Todos fazem assim comigo. Eu tenho todo o trabalho e na hora... outros que levam!

CORINGA: Está bem. Palavra de honra: não digo nada a ninguém.

DEZ: Bom, com a sua palavra...

(Dez e Coringa estão bem à sombra do Pássaro, que cobre todo o fundo. O Ás e a Dama próximos. Música de roda, "Carneirinho, carneirão", suave, em flauta, sem letra. A luz vai assumindo azul mais intenso, o clima cada vez mais "mágico".)

DEZ: Olha... é uma beleza, esse Pássaro...

CORINGA: Olhe bem nos olhos dele... O que é que você vê?

DEZ: Nos olhos dele...? Eu... eu me vejo refletido... como se fosse um espelho... Mas... espera! Não sou eu! Estou maior... e meu rosto diferente! Meu rosto... parece... com o rosto dos meninos!

ÁS: E se você montasse em suas asas?

DEZ: Se eu montasse em suas asas?...

DAMA: Sim, se montasse nas asas do Pássaro?

DEZ DE PAUS: (Sonhador)

Se eu montasse nas asas do pássaro
e me abraçasse bem a seu pescoço
poderia voar como nunca voei...
E em vez de ser pequeno
e mandado por todos,
seria respeitado, como um rei.
Poderia correr por todos os gramados,
poderia pousar nas árvores com frutos,
poderia voar até por sobre o mar...
Se eu montasse nas asas do pássaro
e saísse com ele, voando no ar...

ÁS (Aproxima-se mais dele): Estenda as mãos para ele, num carinho, devagar... E vai ver que ele se encolhe, fica bem pequenininho... E você pode guardá-lo agasalhado em seu peito... E daí... ninguém mais tira!

(O Dez de Paus se volta de novo para o fundo e estende as mãos - clima e marcas sempre mágicos, rituais. A sombra desaparece: ele se volta de frente e agora traz nas mãos uma pomba branca, que ele olha, encantado. Agasalha-a junto ao peito e sai com ela, devagar.)

(Pelo outro lado entra o Valete, correndo em direção ao Coringa. Mal este se vira, dá-lhe uma paulada, e ele cai. A Dama corre a acudi-lo.)

ÁS: Que... quem é o senhor? Que é que está acontecendo?

VALETE: Bateu, levou! Não conhece a regra do jogo? Quem bate é que ganha o jogo! Eu bati e ganhei! Quem sou eu? Sou o Valete, isto é, o futuro Rei de Espadas!

DAMA: Futuro Rei? Mas o Rei que está no jogo ainda é o Rei de Ouros!

VALETE: O Rei de Ouros já era! Entrou em crise, deu um tropeção daqueles e se esborrachou no chão! E agora... sou eu quem mando!

DAMA: Oh!...

O Valete pega uma corda e amarra juntos o Coringa e o Ás.

VALETE: Depois cuido da senhora. Agora... vou caçar algo: um Pássaro todo branco pra meu banquete real! (Sai).

ÁS: Depressa! Corte essas cordas!

DAMA: Hum... Está duro... Não consigo...

ÁS: Com as mãos você não consegue! Tem que ser com uma faca ou qualquer coisa que corte!

DAMA: Eu não uso nada disso...

DEZ: (Entrando) Que... que foi que houve?

ÁS: Foi o Valete de Espadas, que disse que agora é Rei. Amarrou-nos nesse canto e foi em busca do Pássaro.

DEZ: O Pássaro? Esse que trago comigo ninguém me arranca mais! Espere, eu solto os dois.

(Solta os dois. Mas Coringa, ainda zozzo, mal se mantém de pé.)

DEZ: Epa! Apoie-se em mim! Vamos! Assim...

CORINGA: Estou vendo dois caminhos. É por aqui... ou por lá?

DEZ: Que dois caminhos o quê! O caminho é um só: sair daqui depressinha e buscar logo reforços pra lutar contra o Valete!

DAMA: Coitadinho do Coringa!

ÁS: Está apenas tonto, do golpe que levou.

CORINGA: Espere! Não ande já! É preciso ver qual o caminho mais certo!

ÁS: Enquanto vocês discutem o Valete vai voltar!

DEZ: Você está vesgo e zozzo!

CORINGA: Vesgo e zozzo estão vocês!

DEZ: Não é hora de discutir!

CORINGA: Não consinto que me ofendam! E você me ofendeu!

DAMA: Parem! Não gosto de brigas! Vamos é buscar reforços!

ÁS: (Para ela) Vamos nós dois por aqui... e vocês dois vão por lá!

Dama e Ás andando - ideia de caminho. A um canto, um marco de estrada.

DAMA: Mais rápido, Senhor Ás! Não podemos perder tempo!

ÁS: Espere! Não sou criança. Estou indo...

(Súbito, estaca, vendo algo.)

ÁS: Ahn?!... Espere! Olhe ali!

DAMA: Que é? O marco da estrada? É um sinal... O que é que tem?

ÁS: O traço! Não vê? O meu traço...!

DAMA: Seu traço... Não entendi. Que traço, sinal ou sei lá o quê?

ÁS: (sem ouvi-la mais): É o tracinho do meu A! Ora, se não é! Garanto!

DAMA: Ande depressa, "seu" Ás!

ÁS: (Encantado): O tracinho de meu A!...

DAMA: (Puxando-o): Não podemos perder tempo! Há muita gente em perigo!

ÁS: (Irrita-se) Perder tempo...! Mas não há perda de tempo em se estudar um sinal! Os signos, senhora, são uma coisa importante!

DAMA: Senhor Ás, agora não... Por favor, venha comigo!

ÁS: Inútil, minha senhora. Não posso sair daqui, enquanto não pesquisar a origem deste sinal... Não vê que ele pode ser o tracinho do meu A?

DAMA: Meu Deus, o que é que eu faço? Vou procurar o Dez de Paus!

(Ele reaparece do outro lado, na mata.)

DEZ: O Coringa está aí, a cabeça zonza, zonza... E eu, sozinho e sem armas...

DAMA: Dez de Paus! O que fazemos?

DEZ: É o que estou me perguntando...

(Valete entra pelo outro lado, gaiola na mão.)

VALETE: (Ao Coringa): Hum... Ficou aqui quietinho... Agora respeita as ordens... Ah, Dez de Paus!... Está aqui? E o Pássaro, onde está?

DEZ: O Pássaro? Está comigo!

VALETE: Ótimo! Traga depressa pra cá, para por nesta gaiola! Com este Pássaro preso, eu não tenho o que temer!

DEZ: Esse que trago comigo... Tente pegar... se puder!

VALETE: Hein?!... Você, contra mim...?! Não viu que virei o jogo, que bati e já ganhei?

DEZ: Ganhou o jogo? Duvido!

VALETE: Ah, quer bancar o valente? Pois lhe dou uma lição!

(Música “Escravos de Jó” marca a luta: espreita mútua, ataque, avanço e recuo.)

CORINGA: (Tentando erguer-se) Como ousa nos atacar?

(Tenta entrar na luta, cambaleante, mas o Valete o repele dando-lhe um trambolhão.)

DAMA: Vencer um pode ser fácil... Vencer Dez já não é tanto... Se o Dez se multiplicar...?
Ah! Já sei o que faço!

(Corre para junto do Coringa, que já está se reerguendo.)

DAMA: Coringa! Onde está sua sacola?

CORINGA: Hein? Minha sacola ? Pra que?
Ela se aproxima e segreda-lhe algo ao ouvido.

CORINGA: Boa ideia!

(Música e “luta” crescem em fundo. Súbito, rufar de tambores, que sobe cada vez mais ao compasso da música. Valete se volta, espantado.)

VALETE: Qu’ é isso?!...

(Verdadeiro batalhão de Paus em marcha: o naipe, multiplicado pela projeção, vai surgindo em diferentes pontos da cena, em imagem de cerco e multiplicação. Música surge, cantada em coro)

CORO: Escravos de Jó,
jogavam caxangá,
tira, bota...

VALETE: (Recuando) Ahnnn? Que é isso?! Vou fugir enquanto é tempo!

(Sai correndo.)

DEZ: (Atrás dele) Agora foge, covarde!

(O coro sobe.)

CORINGA: Epa, acho que agora estou vendo demais...

DAMA: Não, agora é de verdade...

(Coro cessa. Entra o Valete, amarrado, com o Dez de Paus atrás.)

VALETE: Vocês vão ver! Vou prendê-los! Mando enforcar todo mundo! Não podem fazer isso!
Eu agora sou o Rei!

(O Menino entrou por trás.)

MENINO: Você, o Rei? Nem vê!

VALETE: Quem foi que soltou você?

DAMA: Fui eu! Por que? Não podia...?

VALETE: Mando prender novamente! Eu agora sou o Rei!

MENINO: Engano. Nós não queremos esses reis cheios de espadas. Agora... (Vai ao fundo e volta com alguém) o Rei de Copas é quem vai nos governar!

(Traz o Rei de Copas, com novo traje e rosto natural do ator.)

CORINGA: E o Pássaro, onde está?

REI DE COPAS: Agora não é de um só, nem de quatro, nem de dez... (Ressurge imagem e luz azulada ao fundo.)
voou bem lá para o alto
e abriu suas asas brancas
por sobre todo o país.
E sob as asas do pássaro...
nós todos viramos gente!

(Os atores, num só movimento, tiram o adereço que lhes dava ar de figuras, deixando livres seu rosto e seu corpo - agora seres humanos.)

CORINGA: (Declamação que vai virando canto)

Dizem que onde ele passa
mesmo quando é pedra dura,
brota uma grama verdinha,
verde bem claro e brilhante
como a esperança da gente.

DEZ DE PAUS:

Suas asas fazem um vento
que refresca a quem trabalha
e deixa na sua boca
um gosto de água clarinha
como a que sai de uma fonte.

DAMA: E no coração se acende
uma vontade bonita...

CORINGA, DEZ, DAMA: ... de cantar e de dançar...

DEZ DE PAUS: ... uma coragem de luta...

TODOS, REI: ... e uma alegria tão grande que até parece a do rio quando se encontra com o mar!

Repetem o final (“E no coração se acende....”), agora cantando juntos, e à medida que cantam, começam também a dançar juntos, em coreografia de festa e alegria.

ÁS (entra correndo): Isto é ó fim... ou o princípio?

TODOS: Isto é o princípio, irmão!

(O Ás entra na dança e no coro, tirando sua barba branca. O coro cresce e se faz de novo geral.)

F I M

Obs.

Este texto foi retirado do site do CBTIJ - Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude. Lembramos que qualquer montagem, profissional ou amadora, desse texto, requer a autorização do autor, ou da entidade detentora de seus direitos autorais.

Contato da Autora: mhkuhner@yahoo.com.br

Contato CBTIJ: cbtij@cbtij.org.br

Observações da autora:

Por que cartas de baralho?

A pergunta me pegou de surpresa nos debates de um Festival de Teatro. “Não sei”, respondi francamente (pois até hoje não me convencem as “explicações” dadas sobre o mistério da criação). Soube apenas dizer que quis a imagem de figuras retas, planas, sem profundidade, e que os naipes me sugeriam leituras simbólicas, que usei, soltando entre elas o Coringa, ou Louco, Bufão, Arlequim, uma figura que me é sempre muito simpática.

Foi quando alguém da plateia (que soube depois ser professora da universidade em Florianópolis) fez da plateia observações tão interessantes que pedi que anotassem e aqui tento reproduzir. Disse ela:

O baralho é algo muito antigo no imaginário humano, e já existia entre indianos, chineses, egípcios e árabes, que o levariam para a Europa no século 12 ou 13. O jogo das cartas, tal como o da vida, tem lances e resultados inesperados e imprevistos, razão porque se tenta “adivinhá-los”, como fazem os ciganos, os mágicos, os tarólogos etc. A própria palavra naipes vem do hebreu e significa magia, feitiçaria. Os naipes têm realmente leitura simbólica e também correlação com as forças da Natureza: Ouros/Terra representa dinheiro, bens materiais e expressões físicas; Copas/Água, amor, sentimentos sonhos e dotes artísticos; Espadas/Ar, lógica e racionalidade, mas também disputa e poder; Paus/ Fogo o autocrescimento, a energia, a engenhosidade. E, segundo ela, as escolhas das cartas também era menos aleatória do que eu supunha, pois cada uma das escolhidas tem também um significado próprio: o Coringa (que vem do Louco, Il Matto do Tarô) é a liberdade, e o impulso de ir adiante; o Dez de Paus, a ânsia de posição e reconhecimento; a Dama de Copas, as fantasias mais profundas e a percepção sensível; e se o Rei de Ouros é alguém invejoso, materialista e de espírito prático, o Rei de Copas é associado ao médico que se preocupa com sanar dores vividas, e sobretudo, evitar novas dores, controlando o curso do amor. O mesmo se dá com o próprio “cenário” sugerido - a mata, ou seja, um ambiente “natural”- e a presença dos Meninos que, tal, como o Coringa, se associam à espontaneidade e inquietação.

Pela curiosidade e interesse então despertados na plateia (e em mim...), registro aqui esses comentários - que cabe, a quem for ler, conferir...

Informações sobre o texto:

A primeira montagem deste texto ocorreu no Teatro de Arena da Guanabara, em dezembro de 1973, com direção de Almério Belém.

Recebeu os prêmios de Melhor Texto e Melhor Espetáculo do Ano em Porto Alegre, Rio Grande do sul em 1974 e em Salvador, Bahia, em 1976.

Foi publicado pela Editora Vertente Cultural, do Rio de Janeiro, numa compilação de textos da autora, chamado *Teatro para Crianças e Jovens (De Todas as Idades)*, em 2011.